



MÉTODO SITUACIONAL: APLICAÇÃO NOS TREINAMENTOS TÉCNICO-TÁTICOS DE UMA EQUIPE DE BASE DO HANDEBOL FEMININO

SITUATIONAL METHOD: APPLICATION IN THE TECHNICAL-TACTICAL TRAININGS OF A TEAM BASED ON THE FEMALE HANDBALL

*Eduardo José Dallegrove, **Cleusa Simon Berno e ***Alexandra Folle

RESUMO

O objetivo deste relato é descrever atividades relacionadas à aplicação do método situacional realizadas em sessões de treinamento de uma equipe de base cadete (sub16) feminina de handebol do município de Peritiba (SC). As atividades foram planejadas e ministradas, no mês de agosto de 2014 (16 sessões), por dois treinadores, sendo que participaram das sessões de treinamento 16 atletas com idade entre 14 a 16 anos. O desenvolvimento dos jogos ocorreu somente em situações de superioridade numérica ofensiva, sendo um pelos lados da quadra (jogo 4x3) e dois pelo centro da quadra (jogo 5x4, jogo 6x5). Com esta experiência os treinadores almejavam: desafiar-se na proposta de atividades oferecidas às atletas, uma vez que até então priorizavam a aplicação de exercícios isolados ou de combinação de fundamentos técnicos; possibilitar às atletas experiências mais relevantes no processo de tomada de decisão perante as situações problemas que o jogo de handebol apresenta.

Palavras-chave: Método de Ensino; Treinamento Técnico-Tático; Treinadores; Atletas.

ABSTRACT

The objective of this report is to describe activities related to the application of the situational method conducted during the training sessions of a cadet (under-16) female handball team from the municipality of Peritiba (SC/Brazil). The activities were planned and taught, in August 2014 (16 trainings), by two coaches, and 16 athletes aged between 14 and 16 participated in the training sessions. The games development occurred only in situations of numerical offensive superiority, being one on the court sides (game 4x3) and two in the court center (game 5x4, game 6x5). With this experience, the coaches aimed: to challenge themselves in the proposal of activities offered to the athletes, since, until this moment, they had prioritized the application of isolated exercises or the combination of technical fundamentals; provide to the athletes more relevant experiences in the process of decision making in problem situations that the handball game presents.

Keywords: Teaching Method; Technical-Tactical Training; Coaches; Athletes.

Recebido em: 03/04/2017
Aprovado em: 23/04/2017

*Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC
Email: edudallegrove@gmail.com

**Prefeitura Municipal de Peritiba, Peritiba, SC
Email: cleusaberno@yahoo.com.br

*** Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC
Email: alexandra.folle@udesc.br



INTRODUÇÃO

Para um treinador obter êxito na sua carreira, não necessita somente do seu conhecimento teórico, mas também de experiências na prática do treinamento esportivo. Além disso, cabe ao treinador um papel essencial nas escolhas dos caminhos a percorrer e como desenvolver da melhor forma o processo ensino-aprendizagem-treinamento. Neste contexto, Collet, Donegá e Nascimento (2009) e Ibañez, Jiménez e Antúnez (2015) destacam a importância dos treinadores junto ao processo de ensino e de planejamento das sessões de treinamento, descrevendo-os como os responsáveis por gerir, controlar e aplicar as ações organizacionais e pedagógicas que estão envolvidas no rendimento esportivo.

Desta maneira, é importante que os treinadores esportivos estejam em constante aprendizagem, seja em situações mediadas (*workshops*, cursos de formação etc.), em situações não-mediadas (conversas com treinadores e mentores, conversa com atletas, observação de treinos etc.) ou em situações internas (momentos em que os treinadores buscam o conhecimento de diferentes experiências, reorganizando a maneira de pensar e de trabalhar) (WERTHNER; TRUDEL, 2006). Portanto, é importante que os treinadores busquem um nível de conhecimento elevado para executar os treinamentos de uma forma satisfatória e próxima ao ideal, porém, isso se torna uma construção constante, em que a aprendizagem estará envolvida em um processo contínuo ao longo de sua vida (JARVIS, 2006; WERTHNER; TRUDEL, 2009).

Neste processo, reconhece-se também a relevância de os treinadores estarem em constante atualização em relação a novos métodos de ensino, bem como estarem buscando colocá-los em práticas no seu dia-a-dia de trabalho, visando verificar qual método melhor se adequa aos seus objetivos e as características de seus atletas e equipes, uma vez que os métodos de ensino dos esportes se tornam de extrema relevância no planejamento e na execução das sessões de treino. Além disso, enfatiza-se que, o método que o treinador irá trabalhar influenciará diretamente no rendimento

e nas decisões que sua equipe tomará perante as situações do jogo.

No que tange aos métodos de ensino das modalidades esportivas coletivas, pode-se destacar dois referenciais: o método tradicional (analítico-sintético) e os métodos ativos (global-funcional, situacional, *Teaching Games for Understanding* – TGfU, estruturalista, *sport education*). O método tradicional visa um processo de mecanização dos movimentos perante o jogo, ou seja, parte-se primeiramente da fragmentação dos fundamentos - técnica, para posteriormente chegar-se ao foco do ambiente de jogo - tática (GRECO, 1998; SAAD, 2002; GALATTI; PAES, 2007), enquanto os métodos ativos (global-funcional, situacional, *Teaching Games for Understanding* - TGfU, estruturalista, *sport education*) buscam enfatizar as situações ‘reais’ relacionadas com o jogo, ou seja, parte-se das ações que ocorrem no jogo (tática), para a partir delas, necessitar de uma resposta técnica para resolver determinado problema. Sendo assim, os métodos ativos vêm com uma premissa: o ensino a partir do real ambiente das modalidades esportivas coletivas (SIEDENTOP, 1998; GARGANTA, 1998; COSTA; NASCIMENTO, 2004; MENDES, 2006; GRAÇA; MESQUITA, 2007; GALATTI et al., 2008; HARVEY; CUSHION; MASSA-GONZALEZ, 2010; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Dentre os métodos ativos, destaca-se o método situacional, o qual visa desenvolver de forma inicial toda a capacidade tática dos atletas, seja com ênfase na fase de jogo relacionada ao ataque, seja com ênfase na fase relacionada à defesa, ou ainda, obtendo ênfase nas duas fases, tanto a de ataque quanto a de defesa, sem preocupar-se em ensinar os fundamentos técnicos de cada modalidade (GRECO, 2001). Prioriza assim as tomadas de decisões que podem e irão aparecer em diversas situações-problema relacionadas ao jogo, enfatizando a criatividade e a inteligência dos atletas. Neste contexto, Lima, Matias e Greco (2012, p. 131) afirmam que “o método situacional desenvolve a capacidade tática, mediante a percepção das situações de jogo e da subsequente decisão. As tarefas neste método estimulam nos alunos e/ou nos atletas o pensamento crítico e a tomada de



decisão, processo este de solução de problemas decorrente das experiências já vivenciadas”. Além disso, o ensino dos esportes estruturado a partir do método situacional tem por característica trabalhar em condições com certo grau de complexidade e dificuldade, buscando aproximar-se das ações reais de uma partida e executando assim inúmeras situações de inferioridade, superioridade ou igualdade numérica de jogadores (GARGANTA, 1998; GRECO, 2001; COSTA; NASCIMENTO, 2004; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; MENEZES; REIS; MORATO, 2016).

Nesta perspectiva, reconhecendo o potencial do método situacional no processo de ensino-aprendizagem-treinamento, este relato de experiência tem por objetivo descrever atividades relacionadas à aplicação do método situacional nas sessões de treinamento de uma equipe de base cadete (sub16) feminina de handebol do município de Peritiba (SC).

O MÉTODO SITUACIONAL NAS SESSÕES DE TREINAMENTO

A presente experiência foi desenvolvida com uma equipe de handebol feminino na cidade de Peritiba (SC). O planejamento e a execução dos treinamentos foram realizados por dois treinadores, uma treinadora com 15 anos de experiência com o handebol (responsável) e um treinador com três anos de atuação com a modalidade (auxiliar). Porém, afirma-se que o planejamento das tarefas de treino era realizado em conjunto pelos dois treinadores.

A equipe de handebol de Peritiba atende crianças e adolescentes de sete a dezessete anos de idade, oferecendo assim iniciação e especialização esportiva, até chegar a equipe adulta. O foco do município, com a prática desta modalidade, está relacionado com as categorias infantil (sub 14), cadete (sub 16) e juvenil (sub 18). Neste caso, as atletas na faixa etária dos sete aos 11 anos participam da modalidade com um caráter mais lúdico e educativo, para posteriormente participarem dos treinamentos voltados ao rendimento esportivo. As atletas de todas as categorias treinam de forma voluntária, representando a cidade em competições regionais

(Copa Mansueto Boff de Handebol, Jogos Escolares de Santa Catarina – JESC, Olimpíada Estudantil Catarinense – OLESC, Jogos Abertos de Santa Catarina, Jogos Abertos de Santa Catarina – JASC) e estaduais, quando conseguem classificação (OLESC, Jogos Abertos de Santa Catarina, JASC, promovidos pela Fundação Catarinense de Esportes – FESPORTE; e campeonatos estaduais de cada categoria promovidos pela Federação Catarinense de Handebol – FCHB).

A categoria cadete (sub16), no ano a ser relatada a experiência, disputou o regional da OLESC, o regional do JESC (15 a 17 anos) e a Copa Mansueto Boff de Handebol. Além disso, destaca-se que a experiência com o método situacional nas sessões de treinamento ocorreu no mês de agosto de 2014, com frequência semanal de quatro vezes (segunda a quinta-feira) e duração de 1 hora e 30 minutos (17:30 às 19:00), totalizando 16 sessões de treinamento desenvolvidas a partir da proposta deste método. Destaca-se ainda que o mesociclo de treinamento do período da experiência foi o pré-competitivo, pois ocorreu com proximidade do período da competição alvo do ano (OLESC).

Nos trinta dias da experiência com o método situacional, as tarefas de treino pautaram-se nas atividades focadas em situações de jogo de ataque com superioridade numérica. Esclarece-se ainda, que nenhuma situação era especificamente determinada, assim, caso a pré-facilitação que os treinadores passavam para as atletas não fosse atendida por todos os motivos imprevisíveis do esporte, as mesmas tinham a orientação de continuar o processo ofensivo até sua finalização, tanto do ataque quanto da defesa.

As situações de superioridade numérica mais utilizadas durante o período da aplicação do método situacional eram executadas de uma maneira progressiva de complexidade, ou seja, iniciava-se as sessões de treinamento com as situações de menor profundidade na quadra (ex: lateral da quadra) e número de jogadores (situações de 4x3), para depois aprofundar em situações mais abrangentes (ex: centro e laterais da quadra) e com número maior de jogadores (5x4, 6x5), passando assim de jogos mais simples para o desenvolvimento de jogos mais complexos (próximos a situação real de jogo).



Visava-se assim proporcionar às atletas uma ligação entre os jogos e fazer com que as mesmas buscassem selecionar a melhor decisão a ser tomada em cada situação específica.

Para um melhor entendimento da experiência relatada, as situações de superioridade numérica ofensiva serão exemplificadas na ordem evolutiva que ocorriam nas sessões de treinamento: grau de complexidade menor (situações de 4x3), passando para um grau intermediário de complexidade (situações de 5x4), até se chegar ao grau de complexidade mais elevado (situações de 6x5) vivenciado pelas atletas nas tarefas de treino ofertadas pelos treinadores. Sendo assim, a seguir será ilustrada a sequência das situações de jogo vivenciadas pelas atletas nas sessões de treinamento. Esclarece-se que, apesar da indicativa dos treinadores do número de atletas em cada jogo (4x3, 5x4, 6x5) e das atletas com possibilidade de finalização (exemplo: na situação 4x3 poder finalizar a pivô, a armadora esquerda, a armadora direita, a extrema esquerda ou a extrema direita), não era obrigatório em uma ou outra situação ser esta ou aquela jogadora a realizar o arremesso a gol, mas cabia às atletas a partir da leitura do posicionamento das adversárias (defesa) criarem estratégias para abrir espaços para a finalização e definirem qual a atleta melhor posicionada e em condição de finalizar com maior êxito. Neste caso, a criatividade na movimentação da bola (desmarca-se, receber, passar, driblar ou arremessar) e a tomada de decisão de quem arremessaria a gol dependia das escolhas das atletas para resolverem os problemas enfrentados nos jogos.

Outro ponto essencial para entendimento da dinâmica do jogo refere-se ao comportamento da defesa no decorrer dos jogos situacionais. Destaca-se que a defesa era instruída a ter uma postura de marcação com um nível de oposição forte perante as atacantes, simulando assim situações mais próximas da realidade em que ocorrem as partidas de handebol. O momento de troca das jogadoras na função de atacantes ou

defensoras, dependia do objetivo dos treinadores em cada sessão de treinamento, podendo ocorrer por tempo estipulado (ex: 10 minutos) ou por êxito na recuperação e bolas (ex: 10 bolas recuperadas).

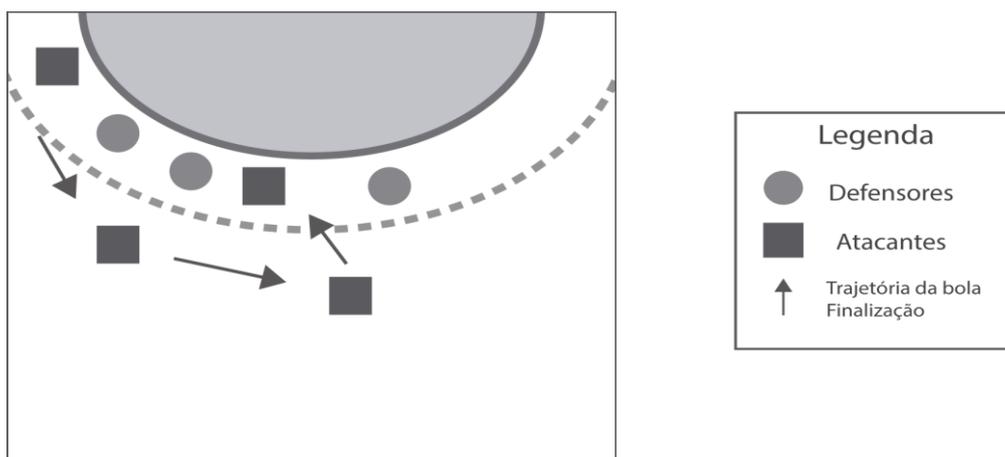
1º Jogo – Situação de superioridade numérica (4x3)

A primeira situação de jogo vivenciada pelas atletas (04 sessões de treinamento) foi a de superioridade numérica (4x3), em favor das atacantes. A atividade explorava os lados da quadra (esquerdo e direito) e podia ter a finalização da pivô, da armadora ou da extrema (ponta). Sendo que, eram as atletas que definiam qual era a melhor opção à ser tomada em termos de momento de finalização e atleta a arremessar, dependendo do posicionamento das jogadoras de defesa, ou seja, o arremesso podia ser executado por qualquer jogadora das posições referendadas (pivô, armadoras ou extremas). Este trabalho visava que as atletas desenvolvessem maior autonomia perante as diversas situações problemas que ocorriam em virtude da situação desta superioridade e do local da quadra em que as melhores opções de jogo ocorriam.

A figura 1 ilustra uma situação de jogo 4x3 em que a tomada de decisão das atletas foi o arremesso a gol realizado pela pivô. A ação de jogo era realizada inicialmente do lado esquerdo e posteriormente do lado direito da quadra. O jogo iniciava-se com o manejo de bola entre os atacantes e, em um determinado momento do ataque, as atletas procuravam executar a movimentação para que a pivô recebesse o passe em condições de finalização. Essa movimentação ocorria da esquerda para a direita com a bola saindo da ponta esquerda, passando pela armadora e chegando até a central que ficava no 1x1 com a defensora que estava no centro, abrindo-se assim um espaço na defesa e caracterizando-se como o momento em que o passe poderia ser executado para a pivô.



Figura 1 – Superioridade numérica (4x3), com finalização pela pivô



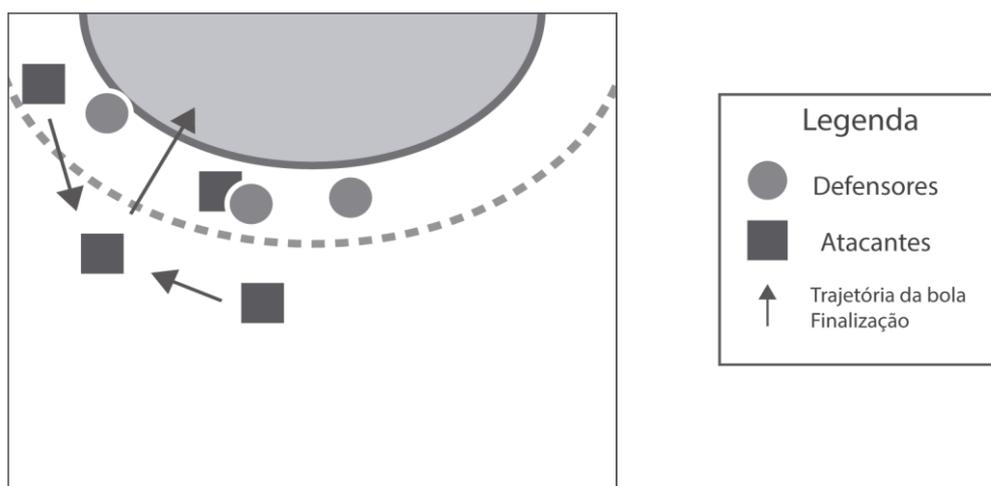
Nota: construção dos autores

Esta situação de jogo, que parte do lado esquerdo da quadra e finaliza com o arremesso da pivô, pode elucidar a facilidade de obter êxito nesta ação, sendo que, se todas as atletas executassem o engajamento (capacidade de buscar a criação de uma vantagem numérica, ou seja, quando uma atacante consegue atrair duas defensoras para marcá-lo) de maneira eficaz, ao final da ação, normalmente a bola poderia ser passada à pivô.

A figura 2 demonstra o desenvolvimento dos jogos 4x3 com a opção de finalização da

armadora esquerda (a mesma ação era praticada também pela armadora direita). Os jogos eram desenvolvidos durante o manejo de bola executado pelas atacantes e seguido do bloqueio da pivô para a infiltração da armadora esquerda. Nesta situação de jogo, visava-se o espaço vazio para a infiltração da armadora, que só obtinha êxito durante as ações de ataque se a pivô executasse o bloqueio na segunda marcadora da defesa.

Figura 2 – Superioridade numérica (4x3), com finalização pela armadora esquerda



Nota: construção dos autores

Na terceira possibilidade de finalização deste jogo 4x3 ocorria o arremesso pela extrema esquerda ou direita ou ainda pela pivô. Deste

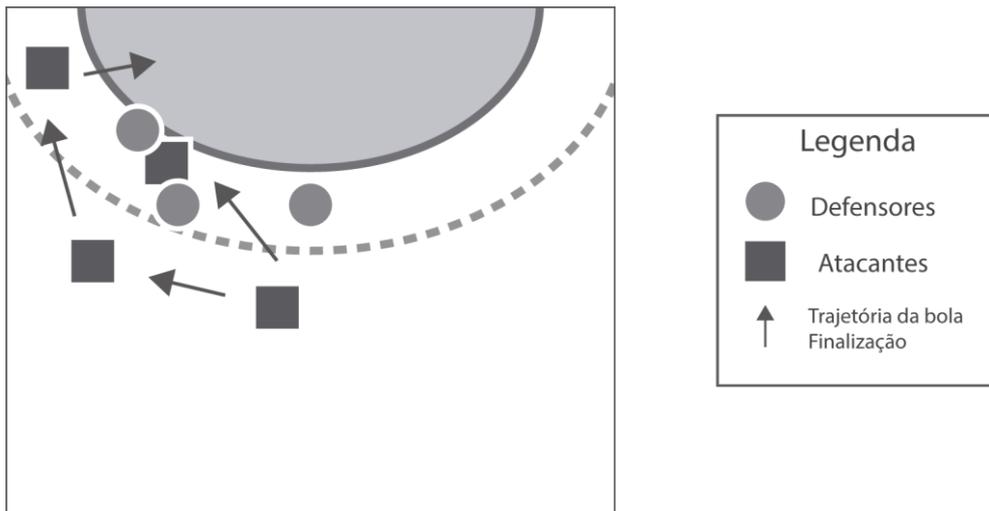
modo, a figura 3 apresenta uma situação de jogo, em que após o manejo de bola feita pelas atacantes, a pivô bloqueava o adversário



(especificamente o 2º defensor posicionado no centro das três atletas da defesa), facilitando a infiltração da armadora esquerda. Subsequente a marcação da 1ª defensora, que estava na ponta, a armadora esquerda ia ao encontro da pivô, proporcionando assim um momento para que a ponta esquerda ficasse livre e conseguisse receber o passe e executar a finalização. Nesta

situação de jogo buscava-se o espaço vazio para a execução final do arremesso pela ponta, o que resultava na busca pela tomada de decisão certa das demais atletas envolvidas na ação para que o resultado ocorresse. Caso o ataque quisesse surpreender a defesa, a armadora central poderia executar um passe ‘surpresa’ para a pivô que estava posicionada no centro das defensoras.

Figura 3 – Superioridade numérica (4x3), com finalização pela ponta esquerda ou pela pivô



Nota: construção dos autores

Portanto, ao descrever-se os primeiros jogos situacionais (4x3 superioridade numérica ofensiva pelos lados da quadra) realizado pelas atletas, destaca-se que o interesse principal dos treinadores era que ao final destas experiências com o método situacional, bem como no decorrer da competição alvo da equipe (OLESC), as atletas apresentassem melhorias nos aspectos técnicos e táticos em termos individuais e coletivos. Além disso, intuito fundamental por parte dos treinadores estava relacionado à tomada de decisão que as atletas iriam desempenhar nas situações semelhantes que pudessem a vir ocorrer durante a competição, dando ênfase para o posicionamento que a pivô executava e a decisão correta das armadoras esquerda e direita, para que estas decidissem de maneira adequada as melhores alternativas que lhes fossem apresentadas nos jogos.

Neste sentido, os objetivos dos treinadores com a aplicação da superioridade numérica (4x3) corroboram a indicação de que a escolha, por métodos que proporcionem semelhanças com as

ações do jogo, torna o ambiente de aprendizagem esportiva mais claro para os atletas envolvidos dentro de determinado esporte. Por isso, existe um aspecto significativo envolvendo as metodologias ativas (situacional, *Teaching Games for Understanding* -TGfU, global, Sport Education) e a participação incisiva de seus praticantes, pois é a partir deles que as decisões sobre o jogo passarão. Garganta (1998) descreve que as ações esportivas dependem especificamente do conhecimento que o jogador tem do jogo em si, seja no número de suas escolhas ou na qualidade das mesmas. O autor ainda reforça que isso está ligado aos modelos de explicação, pois são eles que devem orientar as devidas decisões, para que os atletas consigam organizar, compreender e responder da maneira correta as informações que são apresentadas. Portanto, o ensino dos conteúdos, principalmente o tático durante o período de aprendizagem esportiva tem como objetivo fazer com que os praticantes da modalidade apliquem de maneira



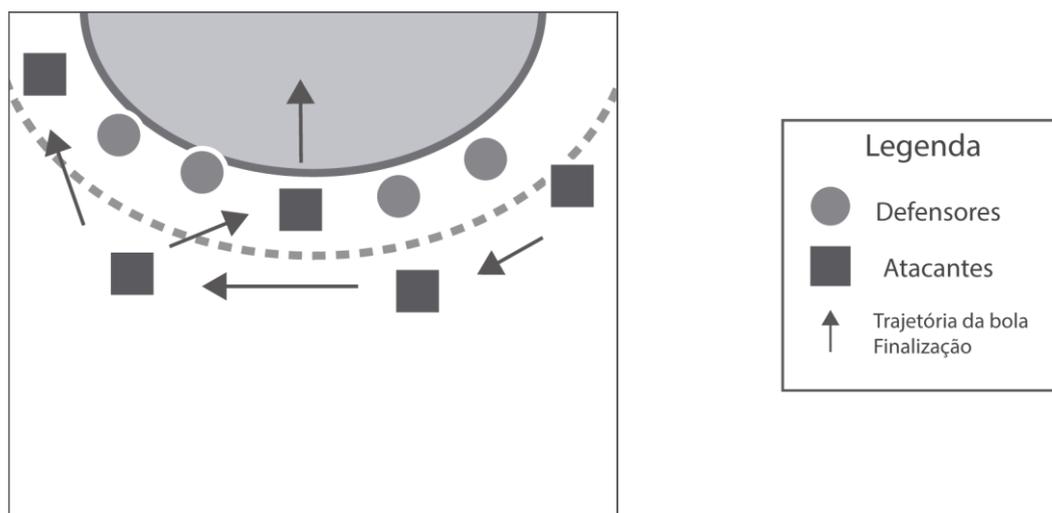
espontânea os conhecimentos adquiridos sobre o jogo (FEU, 2006).

2º Jogo – Situação de superioridade numérica (5x4)

O segundo jogo a ser desenvolvido (4 sessões de treinamento), deslocou-se das laterais para o centro da quadra, obtendo ataques pelo meio (finalização do pivô - figura 4) ou diagonais (finalizações das armadoras esquerda e direita - figuras 5 e 6) e proporcionando situações de superioridade ofensiva em 5x4. A figura 4 demonstra que as ações eram pautadas novamente na movimentação de bola desenvolvida pelas atacantes, sendo que, as mesmas tinham a liberdade para iniciar o manejo de bola, tanto pelo lado esquerdo quanto pelo

direito. Após isso, ocorria novamente o engajamento (capacidade de buscar a criação de uma vantagem numérica, ou seja, quando um atacante consegue atrair dois defensores para marcá-lo), para que as atacantes proporcionem algum espaço para a pivô entrar, receber o passe e executar o arremesso. Normalmente nesta situação quem tentava a ação de infiltração (1x1) eram as armadoras (esquerda e direita), para que ocorresse a abertura do espaço e o posicionamento da pivô. Neste contexto, surgia a necessidade de as atletas terem boa consciência tática perante as movimentações que podiam ocorrer no ambiente de jogo ofensivo do handebol. Portanto esta situação de jogo era vista como uma consistente alternativa para que as atletas trabalhassem suas capacidades táticas, tendo em vista a similaridade com o contexto real do jogo.

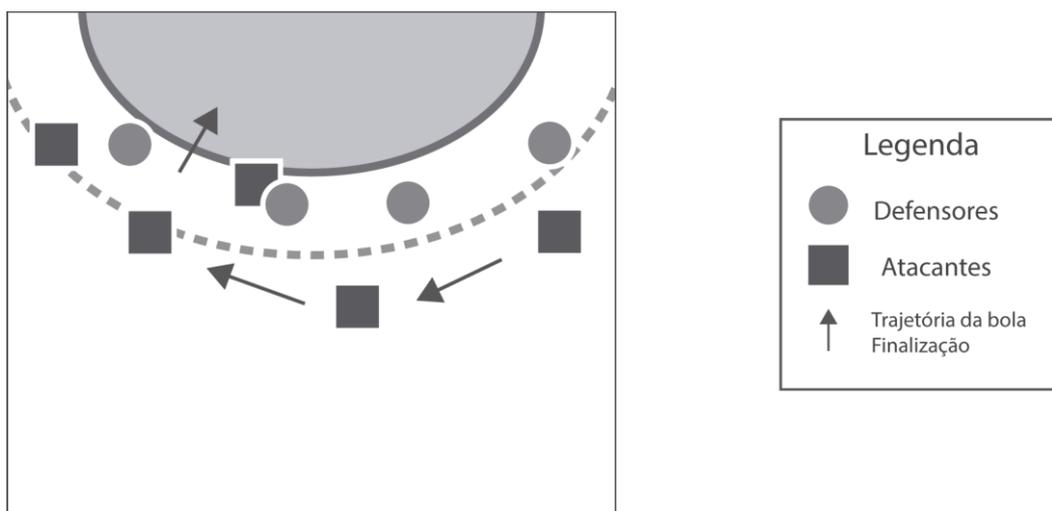
Figura 4 – Superioridade numérica (5x4), com finalização da pivô



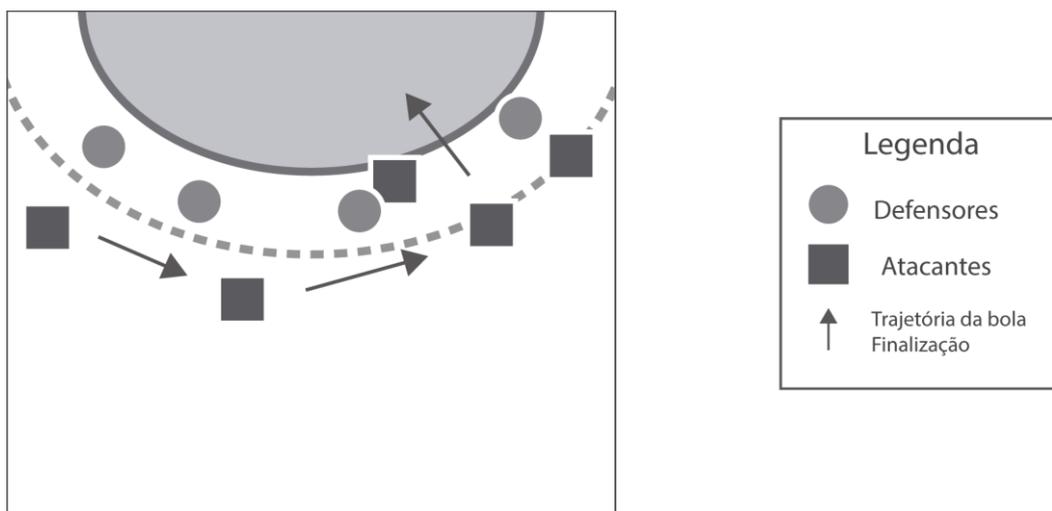
Nota: construção dos autores

As figuras 5 e 6 novamente abordavam a superioridade numérica (5x4), porém, diferentemente da opção tomada pelas atletas na situação anterior (finalização da pivô), quem executava a finalização das ações eram as armadoras esquerda e direita. Esta situação adaptava praticamente o mesmo processo da situação anterior, porém, após o engajamento executado pelas atacantes, movimentando a bola em alta velocidade, a pivô se deslocava para executar um bloqueio em uma das duas marcadoras centrais (depende da ação do

armador que executava a finalização para definir a marcadora que a pivô executava o bloqueio) e ao invés de posicionar-se para a receber a bola, buscava proporcionar um espaço vazio para a infiltração da armadora esquerda ou direita, ocorrendo, conseqüentemente, o arremate a meta. Essa situação de jogo, dependia exclusivamente da interpretação das atletas perante o melhor momento para finalizar o ataque, fosse ele pelo lado esquerdo, fosse ele pelo lado direito ou ainda fosse pela pivô.

Figura 5 – Superioridade numérica (5x4), com finalização da armadora esquerda

Nota: construção dos autores

Figura 6 – Superioridade numérica (5x4), com finalização da armadora direita

Nota: construção dos autores

No que tange ao ambiente do segundo jogo situacional, a experiência com esta estratégia mostrou ter um grau de eficácia perante as muitas ações que ocorriam durante a simulação dos jogos, principalmente, quando tratava-se das infiltrações e dos arremessos das armadoras, pois esse tipo de superioridade visava proporcionar às atletas dessa posição maior segurança em relação ao contato frente a frente com o adversário, bem como fazia com que as mesmas procurassem fazer a melhor escolha possível perante determinada situação que ocorria na partida. Esta situação de superioridade numérica (5x4) faz com que as atletas envolvidas na ação necessitem

fazer uma escolha entre dar continuidade na movimentação de bola, arriscar um passe para o pivô ou ainda, infiltrar no espaço vazio perante o bloqueio que o pivô está proporcionando. Portanto, torna-se necessário que a capacidade de leitura das jogadoras seja feita com precisão, para assim, evitar as precipitações e erros.

Desta maneira, a leitura tática que os atletas devem ter em torno da situação de ataque se torna essencial para o desenvolvimento de determinadas ações, isso, requer que o processo de ensino e treinamento esportivo direcione a aprendizagem das atletas, permitindo que a compreensão tática (ações individuais e



coletivas), junto com suas características de autonomia e criatividade consigam executar toda a situação ofensiva (FEU, 2006). Além disso, situações estratégicas tendem a aprimorar toda capacidade de inteligência tática dos atletas, oportunizando um número variado de ações (táticas) e obtendo o aumento da atenção, nomeadamente a amplitude e a mudança rápida (GRECO; SILVA; GRECO, 2012). Outra característica é que os meios táticos sempre necessitam da realização de cooperação pelos colegas de equipe, fazendo das ações ofensivas de grupo uma só movimentação, ou seja, necessitam de uma organização do ataque, observando a conduta individual de tempo e espaço de cada indivíduo, para que possa ocorrer a conexão necessária para a realização das ações de grupo (FERNÁNDEZ et al., 2012).

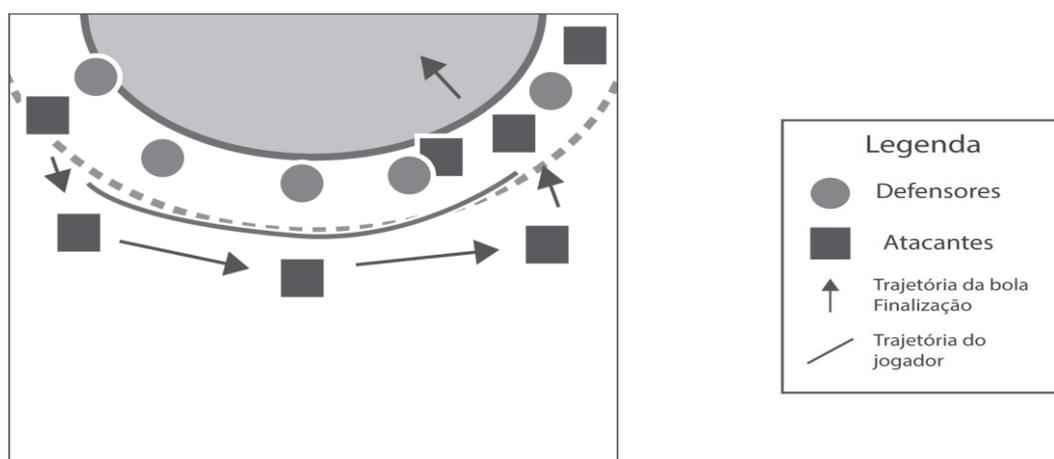
Neste sentido, os jogos situacionais possuem papel fundamental quando se relacionam estes com a capacidade tática que os atletas devem desenvolver, pois esse é um dos métodos que representam para os praticantes uma situação real que poderá vir a aparecer durante o jogo, ou seja, os atletas executam as ações táticas do método situacional representado em jogos que oportunizam vivências de ações idênticas a realidade do contexto de uma partida. Portanto, os jogos proporcionam ao praticante exercitar

determinado esporte em diferentes dimensões e estruturas funcionais (GRECO; SILVA; GRECO, 2012).

3º Jogo – Situação de superioridade numérica (6x5)

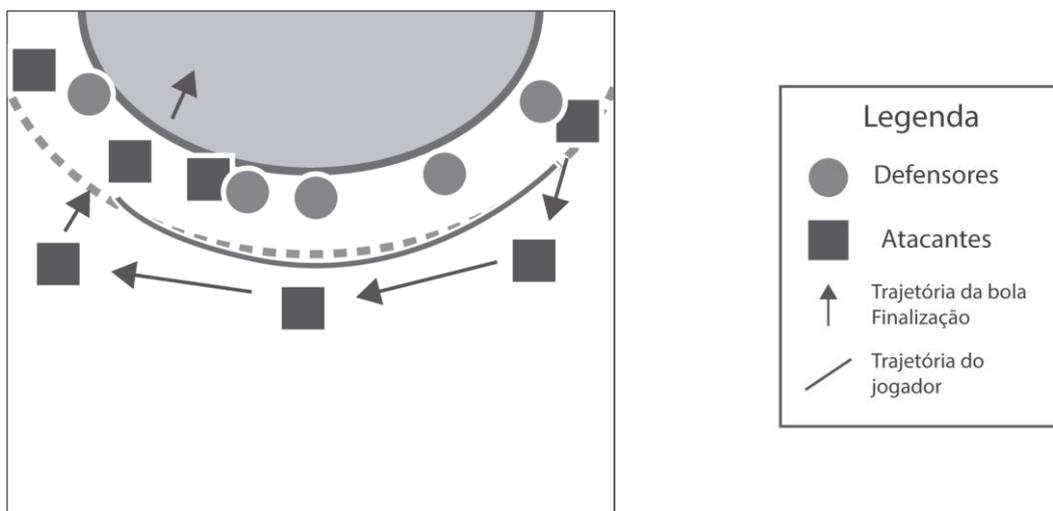
A terceira situação de jogo (4 sessões de treinamento) se caracterizou pela execução das ações de jogo no centro da quadra, a qual visava uma situação de superioridade de 6x5, em favor dos atacantes. Entretanto, diferentemente dos jogos anteriores, essa situação proporcionou de forma exclusiva a finalização das extremas (pontas esquerda e direita). Desta forma, a figura 7 e a figura 8 ilustram, respectivamente, que a ponta esquerda ou direita executava o passe para iniciar o engajamento (capacidade de buscar a criação de uma vantagem numérica, ou seja, quando um atacante consegue atrair dois defensores para marcá-lo) e se deslocava em frente à defesa, até posicionar-se entre o segundo e primeiro marcador do lado oposto da quadra¹. Após isso ocorrer, novamente a pivô executava um bloqueio no segundo defensor que estava no lado oposto da ponta esquerda e corria para receber o passe, recebendo a bola e executando a finalização.

Figura 7 – Superioridade numérica (6x5), com finalização da ponta esquerda como elemento surpresa



Nota: construção dos autores

¹ Nomenclatura utilizada no handebol para definir o posicionamento da linha defensiva de uma equipe. Como por exemplo, em uma defesa 6x0 existem dois marcadores denominados de terceiros, que estão posicionados no centro da defesa. Existem os dois marcadores chamados de segundos, que posicionam-se logo ao lado dos terceiros e existem dois marcadores denominados primeiros, que estão localizados mais próximos as laterais da quadra.

Figura 8: Superioridade numérica (6x5), com finalização da ponta direita como elemento surpresa

Nota: construção dos autores

As pontas da equipe (esquerda e direita), nesta ação de jogo, buscavam a ação ofensiva como um elemento surpresa perante a circunstância que estava ocorrendo. Portanto, esse jogo buscava proporcionar a cooperação e a sintonia total de seus integrantes, pois caso a ação ocorresse de uma maneira equivocada, o suposto elemento surpresa das pontas passava a não ter a mesma relevância. Caso o elemento surpresa não funcionasse, a ponta se posicionava como um segundo pivô, dando continuidade à atuação ofensiva, reiniciando nova movimentação de ataque. Desta forma, esse jogo 6x5 tinha como prioridade favorecer as pontas (extremas), porém, se as mesmas não pudessem ser acionadas como elemento surpresa ou como segundo pivô, o jogo continuava até que ocorresse a finalização de alguma outra atleta.

O intuito principal dos treinadores com a situação de jogo situacional 6x5 era de que as pontas obtivessem melhoras na capacidade de jogo, baseando-se nos seus envolvimento tanto como elemento surpresa quanto como segundas pivô, movimentando-se junto à linha de defesa. Novamente, enfatiza-se o foco no processo de tomada de decisão na realização do ataque, considerando-se que toda a execução do ataque dependia exclusivamente da movimentação destas jogadoras, desde seu início (realizando o passe), passando pelo percurso (trajeto até o meio das marcadoras terceiras e segundas do

lado oposto) até terminar com a finalização ao gol (arremesso).

Relata-se essa situação ofensiva de maneira muito produtiva, pois é necessário que a equipe esteja em total sintonia para que a realização desta ação saia de maneira correta. Porém, é necessário novamente destacar que o jogo proporciona situações imprevisíveis que geram novos problemas, podendo fazer com que os atletas busquem alternativas cabíveis para a resolução dos mesmos. Por isso, Feu (2006) destaca que os jogadores devem sempre tomar decisões rápidas e adequadas, respondendo a determinadas ações do adversário.

Perante o exposto, fica coerente explicar que os aspectos relevantes dos diferentes jogos estão diretamente ligados com os componentes da tomada de decisão, sendo eles, os fatores mais visados no período da aplicação dos treinamentos baseados no método situacional, corroborando assim com a abordagem de De Rose Júnior (2006) de que a tomada de decisão se caracteriza como uma situação relacionada com a adaptação imediata perante as ações do jogo e a movimentação da bola diante da oposição. Fato que Pinho e colaboradores (2010) enfatizam que, tomar certa decisão tática implica que o praticante deve saber o que, porque, como, quando e onde fazer, explicitando qual é o melhor gesto técnico para ser realizado perante a tomada de decisão que irá solucionar o problema que determinada situação apresenta. Portanto,



corrobora-se aqui, que basear-se no método situacional pode proporcionar aos praticantes de qualquer modalidade esportiva coletiva, uma forma de elaborar de maneira mais eficaz, possíveis decisões a serem tomadas.

Bianco (2006) enfatiza assim que as tomadas de decisões são baseadas no modo de agir corretamente, destacando três situações específicas, de acordo com as determinadas circunstâncias do jogo, com o contexto atual do jogo e também se pautando em experiências passadas. Neste cenário, os três jogos situacionais propõem inúmeras ações para que ocorra a tomada de decisão para a execução do arremesso, o que corrobora com o estudo de Castro e Bôscolo (2009), desenvolvido com a categoria de base cadete masculino na modalidade de handebol, em que se evidenciou que uma das equipes investigadas escolhia diferentes situações para executar a finalização ao gol. Isso, segundo os autores, acontece pelo fato do treinador elucidar o ataque de uma forma clara, expondo determinadas situações e enfatizando a melhor delas.

Corroborando com estes aspectos, o estudo de Guimarães e colaboradores (2012) sobre o comportamento tático em situações individuais e de grupo, observou que os atacantes devem ser bastante objetivos, ou seja, definir com qualidade a situação de ataque que lhes foi apresentada. Sendo assim, os esportes coletivos pautados no desenvolvimento da capacidade tática, necessitam de atletas inteligentes e que possam resolver as situações problemas que possam vir a aparecer. Portanto, a tomada de decisão em ações relacionadas ao ataque torna-se um fator essencial para o desenvolvimento eficaz de uma equipe e seu comportamento tático.

Por isso, em situações ofensivas, os jogadores de ataque, além de serem objetivos e definirem com qualidade as ações propostas (GUIMARÃES et al., 2012), devem conhecer as diferentes maneiras de como executar as partes técnica e tática do jogo, tendo ainda um fator primordial em relação ao defensor, o planejamento de suas ações. O atacante pode e deve criar inúmeras situações que favoreçam a progressão de algum fundamento, ou seja, criar possibilidades, para por exemplo, executar um passe ou um arremesso (MENEZES, 2011).

Diante deste contexto, percebe-se necessário que nas etapas de formação esportiva dos jogadores de handebol, o desenvolvimento das tarefas deve ser o mais próximo possível de um cenário que o jogo possa vir a apresentar, incorporando toda a especificidade do esporte, sejam eles táticos ou técnicos (MENEZES; REIS; MORATO, 2016). Isso irá colaborar para que os praticantes saibam lidar com as diversas situações que aparecem durante o jogo e saibam tomar decisões da maneira mais adequada e coerente possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência buscou apresentar o processo de aplicação do método situacional nas sessões de treinamento por treinadores de uma equipe cadete feminina de handebol. O processo de modificação das atividades ofertadas às atletas nas sessões de treinamento, saindo do método analítico (exercícios isolados e combinação de fundamentos) e dando os primeiros passos na aplicação do método situacional apresentou-se desafiador aos treinadores, reconhecendo-se que, apesar dos erros cometidos na propositiva do mesmo, julga-se relevante toda a iniciativa de se buscar novas possibilidades para a melhoria do processo ensino-aprendizagem-treinamento das modalidades esportivas coletivas.

Neste sentido, destaca-se que algumas limitações foram vivenciadas, tanto na aplicação do método situacional quando na avaliação dos resultados obtidos com a utilização deste. As principais limitações reconhecidas pelos treinadores, no que tange a aplicação do método situacional, se referem: à inexperiência dos próprios treinadores com esta estratégia pedagógica; ao início da vivência dos jogos situacionais somente no mesociclo pré-competitivo; à não participação das atletas em situações de jogo com número inferiores aos jogos praticados, como situação de 2x1 ou 3x2; a não vivência de igualdade e inferioridade ofensiva, bem como de superioridade defensiva. Por sua vez, as limitações em torno da avaliação giram especialmente em torno da não realização de registros (questionários, entrevistas) relativos



à percepção de atletas e treinadores em relação a melhoria nos aspectos técnicos e táticos a partir da experiência vivenciada, assim como da não realização de testes que pudessem mensurar estas melhorias.

Neste sentido, reconhece-se que a experiência inicial de aplicação do método situacional nas sessões de treinamento aqui relatada deve ser apenas um primeiro passo na

busca pela qualificação do processo de treinamento esportivo em categorias de base, visando-se assim a procura, por parte dos treinadores, de maior conhecimento teórico sobre o método, bem como de vivências práticas que possibilitem o aprimoramento deste processo, alcançando-se assim os objetivos almejados no processo de formação e rendimento das atletas de handebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCO, Marisa Adélia. Capacidades cognitivas nas modalidades coletivas. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (Org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006.

CASTRO, José Walter Tolentino; BÔSCOLO, Ester Francisca Mendes. Tomada de decisão durante o jogo de handebol. **Coleção pesquisa em educação física**, v. 8, n 1, p. 199-204, 2009.

COLLET, Carine; DONEGÁ, André Luiz; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. A organização pedagógica do treino de voleibol: um estudo de casos em equipes mirins masculinas catarinenses. **Motriz**, v. 15, n. 2, p. 209-218, abr./jun. 2009.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da educação física/UEM**, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2. sem. 2004.

DE ROSE JUNIOR, Dante; SILVA, Thatiana Aguiar Freire. As modalidades esportivas coletivas (MEC): história e caracterização. In: DE ROSE JUNIOR, Dante (Org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006.

FERNÁNDEZ, Juan e colaboradores. Meios táticos de grupo no ataque. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández. (Orgs.). **Manual de handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Phorte, 2012.

FEU, Sebastián Molina. Organización didáctica del proceso de enseñanza: aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. **E-balonmano.com: revista de ciencias del deporte**, v. 2 n, 4, p. 53-66, 2006.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, v. 6, p. 404-415, 2008.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas – SP. **Conexões**, v. 5, p. 31-44, 2007.

GARGANTA, Júlio Manuel. O ensino dos jogos esportivos colectivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, p. 19-27, 1998.

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.



GRECO, Pablo Juan. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, MG: EdUFMG, 1998.

GRECO, Pablo Juan. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, Emerson Silami; LEMOS, Kátia Lucia Moreira (Orgs.). **Temas atuais VI em educação física e esportes**. Belo Horizonte, MG: Health, 2001. p. 48-72.

GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara Aparecida; GRECO, Fernando Lucas. Identificação, caracterização e classificação do jogo de handebol. In: GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan J. Fernández. (Orgs.). **Manual de handebol: da iniciação ao alto nível**. São Paulo, SP: Phorte, 2012. p. 251-264.

GUIMARÃES, Murilo Balbino e colaboradores. Comportamentos ofensivos e defensivos dos atletas envolvidos em situações táticas individuais e de grupo no jogo de futebol. **Revista brasileira de futebol**, v. 5, n. 1, p. 31-41, jan./jun. 2012.

HARVEY, Stephen; CUSHION, Christopher J.; MASSA-GONZALEZ, Ada N. Learning a new method: 'teaching games for understanding in the coaches' eyes. **Physical education and sport pedagogy**, v. 4, n. 15, p. 361-382, oct. 2010.

IBAÑEZ, Sergio José; JIMÉNEZ, Adrian; ANTÚNEZ, Antonio. Differences in basketball training loads between comprehensive and technical models of teaching/training. **Revista de psicología del deporte**, v. 24, suppl 1, p. 47-50, 2015.

JARVIS, Peter. **Towards a comprehensive theory of learning**. London, ENG: Routledge, 2006.

LIMA, Cláudio Olivio Vilela; MATIAS, Cristiano Julio Alves da Silva; GRECO, Pablo Juan. O Conhecimento tático produto de métodos de ensino combinados e aplicados em sequências inversas no voleibol. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 26, n. 1, p. 129-47, jan./mar. 2012.

MENDES, José Carlos. **O processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol no Estado do Paraná: estudo da categoria infantil**. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 2006.

MENEZES, Rafael Pombo. Das situações ao jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, v. 17, n.1, p. 39-47, jan./mar. 2011.

MENEZES, Rafael Pombo; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; NUNOMURA, Myrian. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, v. 20, n.1, p. 351-373, jan./ mar., 2014.

MENEZES, Rafael Pombo; REIS, Heloisa Helena Baldi dos; MORATO, Márcio Pereira. O handebol, seu cenário imprevisível e os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento. **E-balonmano.com: revista de ciencias del deporte**, v. 12, n 2, p. 165-176, 2016.

MENEZES, Rafael Pombo; SOUZA, Maria Suélia dos Santos; BRAGA, José Werley Carvalho. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim em instituições não-formais de ensino: concepções e metodologias. **Conexões**, v. 9, n. 2, p. 49-69, maio/ago. 2011.



PINHO, Silvia Teixeira e colaboradores. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. **Motriz**, v.16, n. 3 p. 580-590, jul./ set., 2010.

SAAD, Michel Angilo. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal**. 2002. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 2002.

SIEDENTOP, Daryl. What is sport education and how does it work? **Journal of physical education, recreation & dance**, v. 69, n.4, p. 18-20, Apr. 1998.

WERTHNER, Penny; TRUDEL, Pierre. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The sport psychologist**, v. 20, p. 198-212, 2006.

WERTHNER, Penny; TRUDEL, Pierre. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. **International journal of sports science and coaching**, v. 4, n. 3, p. 433-449, 2009.